

7 JUL 1967

À Sombra da Provocação

Sue pag 10

A resposta da sociedade é que vai dizer a que distância de alienação política se encontram os proponentes da nova mobilização pelas diretas. Estão longe de interpretar os anseios políticos dominantes em favor da rápida normalização institucional. Há um ponto, no entanto, mais importante: as condições hoje são muito diferentes das que existiam no fim do período militar.

Neste momento, a preocupação é no sentido de defender a normalidade contra provocações. A Assembleia Nacional Constituinte, depois de cinco meses, enrolou-se na maçaroca de sugestões que demonstram mais despreparo que qualquer qualificação democrática.

Todo cuidado ainda será pouco na tensão que toma conta da opinião pública. Os organizadores dessa concentração tiveram a cautela de montar um show como centro de espetáculo, mas é insuficiente para neutralizar o risco de provocações bem urdidadas. Não é difícil gerar incidentes num local em que se

acotovele maior quantidade de agentes da lei que propriamente de público.

Por um lado, o impasse da Constituinte e, por outro, a eterna ambivalência do PMDB, que não se decide entre ser governo ou fazer oposição. No meio, a campanha pelas diretas. Um Encontro Nacional de Bases do PMDB reuniu-se domingo em Brasília para o exercício de obviedade: o partido está rachado, e nem assim se decide. Vai para a convenção dos dias 17 e 18 próximos sem qualquer outro sentimento que não seja a intolerância.

É assim que se engrossa uma expectativa de que tudo que parecia possível se torne inviável. Sob essa atmosfera abafante é que os restos do que se convencionou chamar de esquerda — um arco sem força para lançar qualquer movimento — abre uma repetitiva campanha em favor da sucessão presidencial direta. A falta de senso de oportunidade é também incapacidade de perceber que as provocações só precisam de condições favoráveis a elas e desfavoráveis à democracia.